

# Captações chegam a US\$ 7,5 bi

Cenário melhor faz C-Bond bater novo recorde histórico e risco-Brasil cair 1,09%

Patricia Eloy e Toni Marques

RIO e NOVA YORK

O namoro entre o mercado internacional e o Brasil teve ontem mais um importante capítulo. Mostrando a crescente confiança dos investidores estrangeiros, as captações de empresas e bancos brasileiros chegaram ontem à marca dos US\$ 7,573 bilhões este ano (aqui incluída a emissão do governo de US\$ 1 bilhão da última terça-feira), com uma nova operação concluída pelo Banco Votorantim, de US\$ 80 milhões. A disposição externa fez o principal título da dívida brasileira negociado no mercado internacional, o C-Bond, registrar novo recorde histórico. O papel atingiu 88,12% do seu valor de face, uma valorização de 0,56% em relação ao dia anterior.

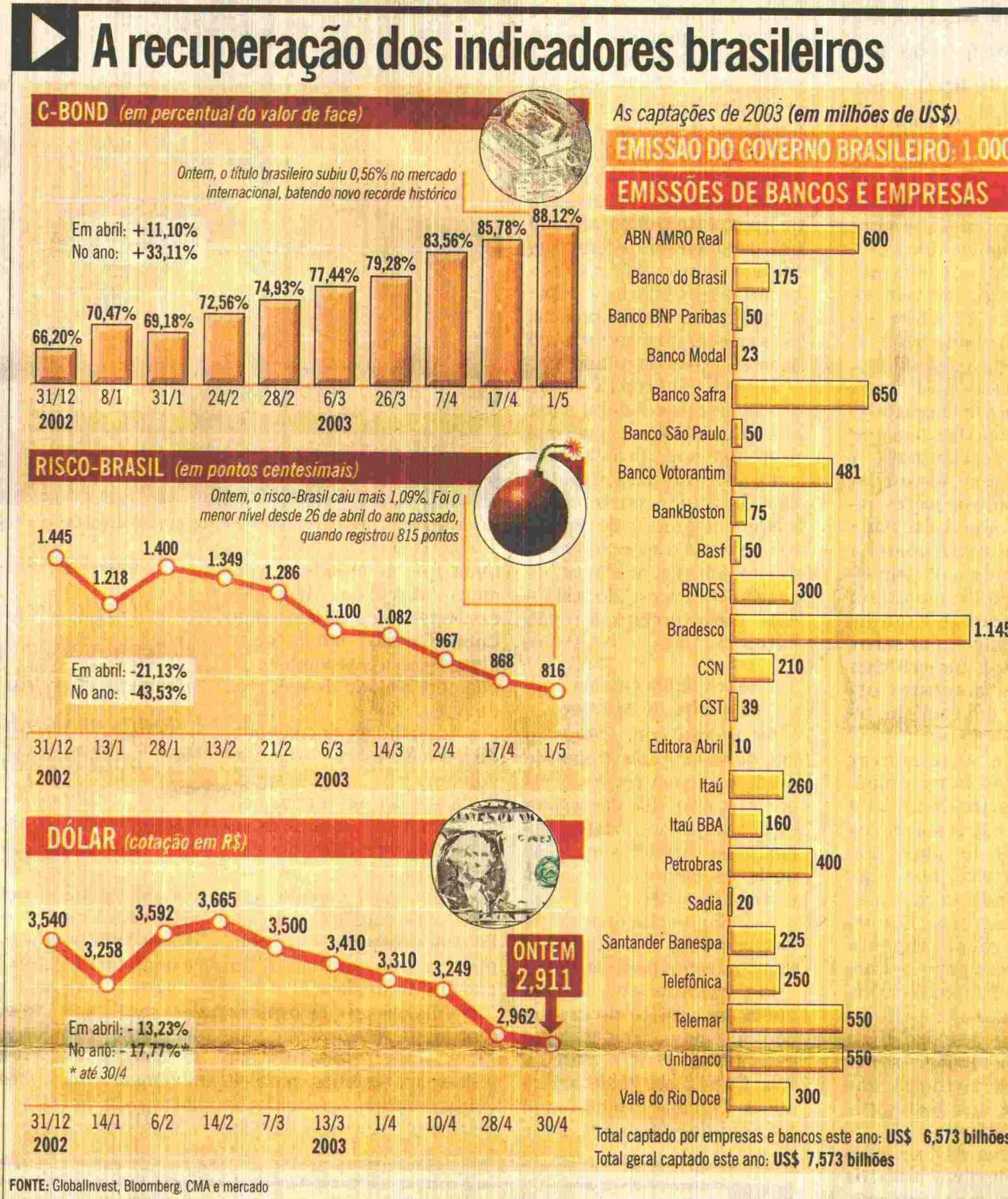
O risco-Brasil voltou a cair: 1,09% ontem, para 816 pontos centesimais, o menor patamar desde 26 de abril do ano passado. A emissão do Banco Votorantim dá a medida do bom humor externo: os títulos têm resgate em 30 meses, o mais longo prazo já obtido por um banco brasileiro no exterior em 2003. O Votorantim, que pensava em captar US\$ 50 milhões, acabou fechando a emissão com US\$ 30 milhões a mais, mas segundo uma fonte envolvida na operação, a demanda foi ainda maior.

## C-Bond pode se valorizar ainda mais

• E o flerte entre o Brasil e o mercado externo deve continuar, garantem os especialistas. Para Walter Molano, chefe do Departamento de Pesquisas e sócio do BCP Securities, banco de investimentos americano especializado em América Latina, o risco pode cair a até cerca de 700 pontos centesimais, o que equivaleria a um C-Bond a 92% do valor de face:

— Uma melhora na avaliação de risco por agências internacionais aceleraria esse processo de recuperação, mas é bom lembrar que o risco hoje não reflete a recente melhora macroeconômica brasileira, portanto, deve continuar a cair.

Jane Eddy, diretora-executiva do Grupo de Ratings Corporativos e de Governos da agência de classificação de risco Standard and Poor's em Nova York, diz que a tão esperada mudança de avaliação só deve vir com a aprovação das reformas estruturais — em particular, a da Pre-



vidência. Entretanto, Molano acredita que, como o mercado tende a se antecipar aos fatos, a expectativa de aprovação será suficiente para fazer os títulos brasileiros galgarem patamares cada vez mais elevados.

Mas quedas no curto prazo não estão descartadas. Após altas fortes, como as da última semana, é natural que os investidores reavaliem suas aplicações — alerta Felipe Brandão, diretor-executivo de Mercados Emergentes da corretora López León.

Brandão lembra que a ainda vacilante economia americana conti-

nua desempenhando importante papel na valorização dos títulos brasileiros. Sem perspectivas de retornos atraentes na bolsa ou nos papéis do Tesouro americano, os investidores procuram os títulos de emergentes, o que têm beneficiado não apenas o Brasil.

O analista de um grande banco estrangeiro conta três emissões do México só este ano, em que o país conseguiu levantar US\$ 5,5 bilhões no mercado externo, com títulos com vencimento em até 30 anos.

E a recente emissão soberana do

Brasil deve ser um importante divisor de águas na seara de captações nacionais. Dos US\$ 6,573 bilhões captados por instituições brasileiras este ano, US\$ 4,744 bilhões (72,17% do total) foram levantados por 14 bancos. Mas com a emissão do governo, o quadro deve mudar, aumentando o apetite dos investidores para os papéis corporativos.

“A emissão de US\$ 1 bilhão em títulos do Brasil reflete a crescente confiança”, registrou o “Wall Street Journal”, cuja agência de notícias “Dow Jones” ouviu o mercado on-

tem para avaliar se o sucesso se refletirá em títulos privados e nas linhas de crédito. Segundo a agência, o acesso das empresas brasileiras a linhas de crédito permanece à espera de melhorias. Em janeiro de 2002, as linhas de bancos comerciais para empresas brasileiras somaram US\$ 20 bilhões; em março deste ano, estavam em US\$ 15 bilhões, diz a “Dow Jones”.

## ‘NYT’: emissão do Brasil afasta calote

• O retorno do Brasil aos mercados de crédito internacionais, com a emissão da última terça-feira, é o mais recente sinal de que os fantasmas do calote da dívida e de uma possível implementação de política econômica heterodoxa — que tanto assombraram Wall Street no ano passado, devido à campanha eleitoral — estão dissipados, conforme notícia publicada ontem no “New York Times”, em seu caderno “Negócio Mundial”.

John Welch, chefe de pesquisa de América Latina do banco WestLB, disse ontem ao GLOBO que há espaço para o Brasil fazer mais emissões de papéis da dívida, mas o vencimento deve ser maior. O prazo dos títulos emitidos na terça-feira, segundo ele, é atípico, por se tratar do primeiro mês de um novo mandato presidencial. Welch também disse que a demanda para os novos papéis do Brasil, embora expressiva, foi muito maior que o interesse real dos investidores:

— A demanda era alta, mas estava inflada também. Conhecemos clientes que fizeram um pedido de US\$ 100 milhões, para obter US\$ 6 milhões, então a demanda foi muito inflada. Também o vencimento é no primeiro mês do novo mandato. Mas a demanda para papel novo brasileiro é muito alta. Tem espaço para mais emissão, mas de longo prazo, de 15 anos, por exemplo.

Welch acredita que as empresas brasileiras não terão problemas para captarem no exterior devido ao interesse verificado por títulos da dívida do Brasil:

— Melhorando a situação da dívida soberana, melhora a situação corporativa.

**► NO GLOBO ON LINE:**  
As cotações do mercado financeiro em tempo real  
[www.oglobo.com.br/economia](http://www.oglobo.com.br/economia)